

As "letras" do espírito:

S. Inácio intérprete da vida cristã*

Ulpiano Vázquez SJ

O argumento e ao mesmo tempo o resumo de minha palestra nesta noite é uma convicção: a vida cristã, a vida dos cristãos, se manifesta e se compreende graças ao testemunho das pessoas que viveram ou tentam viver o cristianismo radicalmente; graças às pessoas cuja vida só é inteligível por Jesus Cristo e, assim, nos mostram como é que de fato Cristo vive em nós; como é que de fato nós vivemos em Cristo.

Cada santa e cada santo é assim, a seu modo, um intérprete ou um exegeta da inesgotável riqueza do Cristo.

S. Inácio foi um deles. Para muitos de nós ele se tornou um mestre de vida cristã. Mas, mesmo para compreender S. Inácio, que nos ajuda a compreender e praticar o Evangelho, os outros são necessários.

É por isso que gostaria de poder humildemente retribuir com esta palestra a ajuda que recebi, para compreender S. Inácio e para compreender o Evangelho, de muitas pessoas aqui presentes. E de maneira especial a ajuda que para ambas as coisas recebi do grupo que, no Conjunto Cristina¹, durante mais de dois anos praticou os *Exercícios* de S. Inácio na vida.

I

Para apresentar o objetivo desta palestra que tem por título *S. Inácio intérprete da Vida Cristã*, permitam-me lembrar-lhes uma passagem da de-

* Palestra proferida no quadro das Comemorações Inacianas, no CES, Belo Horizonte, 15 de maio de 1991.

¹ Bairro operária na periferia de Belo Horizonte.

nominada *Autobiografia* de S. Inácio. Essa passagem nos introduzirá, melhor do que qualquer outra explicitação, no assunto que pretendo tratar nesta noite, na sua problemática e na intenção e modo de proceder que utilizarei no seu desenvolvimento.

O fato ao qual me referirei aconteceu faz 464 anos, na cidade de Salamanca, numa tarde de domingo em fins de julho de 1527.

Inácio tinha 36 anos. Fazia cinco que, gravemente ferido na defesa do Castelo de Pamplona, na longa recuperação e convalescença na casa paterna onde fora conduzido semimorto, Inácio decidira, aos 31 anos, mudar radicalmente de vida. A leitura das Vidas de Cristo e de alguns Santos, que, por não ter romances mais do seu gosto, viu-se forçado a ler, mudaram completamente o horizonte dos seus projetos, o rumo dos seus desejos e a meta da sua vida.

Essa mudança, essa conversão, que se realizou em apenas 6 meses transformou Inácio em *peregrino*. É essa a palavra que ele mesmo utilizou para se definir. Peregrino, porque de fato se transformara num andarilho que percorreu a pé milhares de quilômetros. Peregrino, também e sobretudo, porque ao deslocamento e ao movimento exteriores correspondia uma andança e uma procura interiores.

Em fevereiro de 1522 Inácio iniciou de fato uma peregrinação que só acabaria 15 anos depois quando, em dezembro de 1538, já com 47 anos e uns poucos companheiros, chega a Roma. A Roma e não a Jerusalém que, ao longo dos 15 anos de viramundo, tinha sido sempre a meta dos seus sonhos.

A história que quero lembrar-lhes como introdução ao nosso tema aconteceu no quinto ano da sua peregrinação. Isto é, quando, impossibilitado de realizar "seu firme propósito de ficar em Jerusalém visitando sempre aqueles santos lugares" (45), Inácio se pergunta como será possível realizar seu outro propósito, o de "ajudar" ou "aproveitar às almas", propósito este último que "a ninguém declarava" (ibid.)

Foi na cidade de Veneza, em janeiro de 1524, que "depois que o peregrino entendeu ser vontade de Deus não continuar em Jerusalém, veio sempre pensando consigo que faria. Por fim se inclinava mais a estudar algum tempo para ajudar as almas e determinava ir a Barcelona" (50).

Em Barcelona Inácio ficará dois anos, dedicado ao estudo dos rudimentos da Gramática. Aconselham-lhe, no fim deste período, que vá para a cidade de Alcalá, perto de Madri, "ouvir filosofia" (56) na famosa Universidade. Mais 500 quilômetros, sempre sozinho e sempre a pé.

A breve e acidentada estadia de Inácio na Universidade de Alcalá foi interrompida de maneira abrupta pelos inquisidores que o prenderam durante

42 dias no final dos quais ouviu do notário a sentença de que "ficava livre se se vestisse como os outros estudantes e durante quatro anos não falasse dos assuntos da fé até que não estudasse mais pois não era letrado" (62)

A sentença deixa Inácio na dúvida do que deve fazer, pois lhe parece (utilizo a sua comparação), "que lhe tampavam a boca para aproveitar às almas, não lhe dando outra razão senão a de não ter estudado" (63).

Reinicia assim a sua peregrinação, mais 450km, sempre a pé e esmolando, mas desta vez acompanhado pelos quatro primeiros companheiros, todos vestidos como estudantes, com roupas que lhes deram e que, pelo que Inácio conta, nem sempre se adaptavam ao tamanho do corpo de quem as vestia. Era esse sobretudo o caso de um tal Calixto que tinha um tamanho muito grande para uma roupa muito pequena...

Tinha-se passado apenas uma semana em Salamanca quando, através do seu confessor, Inácio recebeu um convite para almoçar no domingo com os frades do convento de S. Estevão. Convento ao qual pertenciam a maior parte dos professores da Universidade. Inácio aceita o convite, alegre e satisfeito mesmo tendo sido avisado que "iam lhe perguntar muitas coisas" (64).

É assim que Inácio, falando em terceira pessoa, conta o que aconteceu naquele domingo:

No domingo, pois, veio com Calixto, e depois do almoço, o Sub-prior, na ausência do Prior, o confessor e, creio, outro frade, foram com eles à capela. O Subprior, com muita afabilidade, começou a dizer como tinham deles boas novas de sua vida e costumes, da sua pregação à maneira apostólica, e que gostariam de saber destes pontos mais em particular. Começou por perguntar o que tinham estudado. O peregrino respondeu singelamente:

"Entre todos nós, o que mais estudou sou eu". E lhes declarou o pouco que estudara e o pouco fundamento com que o fizera.

"Mas então que é o que pregam?"

"Nós — diz o peregrino — não pregamos, mas conversamos com pessoas amigas sobre coisas de Deus, depois de almoçar com algumas pessoas que nos convidam.

"Mas — diz o frade — de que coisas de Deus falam? isso é o que desejamos saber"

"Falamos — diz o peregrino — ora de uma virtude, ora de outra com louvor; e com repreensão ora de um vício, ora de outro"

"Os senhores não são letrados — diz o frade — e falam de virtudes e de vícios, ora disso ninguém pode falar senão de duas maneiras: ou por letras ou pelo Espírito Santo. Não por letras, logo pelo Espírito Santo! Isto do Espírito Santo é o que queríamos saber." (65).

Inácio deixou a pergunta sem resposta. Não só durante os três dias em que será obrigado a ficar no Convento, como também no cárcere para onde

a seguir foi levado. Lá, lembra na *Autobiografia*, ele "continuava seus exercícios de falar de Deus" (67). Exercícios que, em parte, já estavam escritos e que foram examinados pelos juízes da inquisição: três doutores e um bacharel que "lhe perguntaram muitas coisas, não só dos *Exercícios* mas de teologia, por exemplo como entendia os artigos da Trindade e do Sacramento..." e até "um caso de direito eclesiástico..." etc., "e por fim eles foram-se sem condenar nada" (68)

Após 22 dias no cárcere foram chamados para ouvir a sentença a qual era que não se achava nenhum erro, nem em conduta nem em doutrina. Podiam continuar a ensinar a doutrina cristã e a falar de coisas de Deus contanto que nunca definissem "isto é pecado mortal, isto venial" senão depois de quatro anos a mais de estudos.

Lida esta sentença (...) o peregrino disse que faria tudo o ordenado pela sentença, mas não a aceitaria. Pois, sem condena-lo em coisa alguma lhe fechavam a boca e impediam de ajudar o próximo no que pudesse... E não disse mais nada.

Foram logo tirados do cárcere e ele começou a encomendar a Deus e a pensar o que devia fazer. Achava grande dificuldade em permanecer em Salamanca. Pois, para aproveitar as almas, lhe parecia ter fechada a porta...

Assim resolveu ir para Paris a estudar. (70)

(...) Partiu para Paris sozinho e a pé. (73)

II

Deixemos que Inácio percorra mais 1800km. A viagem demorará seis meses. Nós vamos ficar por aqui tentando agora refletir sobre esta história inaciana e sobre o dilema da pergunta que Inácio não quis responder.

1º Vejamos em primeiro lugar qual é o *assunto* que está em questão.

O problema com que Inácio se defronta, ou melhor, é confrontado, tanto em Alcalá como sobretudo em Salamanca é a questão de *falar de Deus, falar das coisas de Deus*, ou ainda *falar dos assuntos da fé*. Mais concretamente ainda o problema se apresenta como *quem pode falar das coisas de Deus?*

2º Esta questão é apresentada a Inácio pelo frade em forma de *alternativa* ou *dilema*: falar de Deus só é possível *ou* por letras, isto é, por ter estudado durante os quatro anos que era o tempo estipulado para ter um título em teologia, *ou* por inspiração do Espírito Santo.

3º A *reação* de Inácio diante de esta alternativa à qual é submetido pela lógica do raciocínio do frade é o silêncio. *O que significa esse silêncio?* Eis a questão.

Na *Autobiografia*, Inácio diz apenas que não lhe pareceu bem aquela maneira de "argumentar" (65) do frade e que por isso se negou

sempre a responder apelando para a Autoridade que o pudesse obrigar a falar (66).

Diante dessa autoridade, isto é diante dos quatro juízes da Inquisição, ele responderá todas as perguntas. Já vimos que foram muitas e que ele respondeu todas de tal maneira que não puderam censurá-lo. Não consta que a pergunta do Frade tenha sido feita de novo.

A sentença não o condenava, mas proibia-lhe definir o que era pecado mortal ou pecado venial. É por isso que Inácio, sem em nenhum momento negar a autoridade do Tribunal, não quis de forma alguma aceitar a sentença.

O motivo da não-aceitação, já o ouvimos da própria boca de Inácio: *parecia-lhe ter fechada a porta para ajudar as almas. Parecia-le que lhe tapavam a boca e impediam de ajudar*

4º O resultado. A lógica do frade acabou se impondo: Só é possível falar das coisas de Deus se a pessoa for letrada, se tiver completado os estudos teológicos.

Santo Inácio, porém, não pensava assim!

O que ele pensava se manifesta de maneira indireta no seu silêncio diante da alternativa do frade e na recusa da sentença do Tribunal. Não protesta nem reclama. Não se queixa, antes pelo contrário: quando um rapaz de dezenove anos, que mais tarde seria cardeal, veio visitá-lo na cadeia e manifestou compaixão pela situação em que Inácio estava, ele respondeu o que a outros tinha dito: que desejava estar preso pelo amor de Deus e que "não há tantos grilhões e cadeias em Salamanca que eu não deseje mais pelo amor de Deus" (69).

O que S. Inácio pensava se manifesta, indiretamente ainda, no fato de que, posto em liberdade, foi embora procurando um lugar onde pudesse falar livremente das coisas de Deus.

III

Mas, por que Inácio pensava desta maneira e por que tomou essa determinação? Por que para ele, que a final de contas era um "simples leigo", era tão importante falar das coisas de Deus para ajudar aos outros e por que acreditava que o podia fazer mesmo que não tivesse estudos de teologia? Será que ele julgava que tinha inspiração direta do Espírito Santo como o frade de Salamanca, com receio ou com ironia, tinha insinuado?

Tentaremos responder estas perguntas tendo presente aquilo que nos interessa nesta história. E o que nos interessa nesta história, ou através dela, é a maneira como Santo Inácio compreende a vida cristã, ou melhor ainda, o cristianismo como vida.

A questão que nos interessa, formulada um tanto brutalmente, é a seguinte: o conhecimento de Deus e a sua expressão (conhecimento do qual Jesus Cristo, no Evangelho de João, diz depender a vida dos homens), podem ser considerados como um domínio fechado ao qual só os *teólogos*, por um lado (o lado do estudo), ou só os *místicos*, por outro lado (o lado da iluminação direta) podem ter acesso, de tal maneira que quem não tem estudado teologia ou não pode se considerar místico deve ficar calado ou emudecido na Igreja?

Não creio que seja necessário mostrar o quanto estas questões são atuais, nem por que as possíveis respostas dizem respeito a *todos* nós.

Gostaria apenas deixar claro, antes de passar a mostrar a resposta que Inácio nos ensina, que o nível em que me coloco ao fazer as perguntas, e a intenção que procuro ao tentar responde-las com Inácio, não é um nível polêmico nem uma intenção jurídicista, como seria por exemplo, discutir os direitos e deveres de algum grupo determinado de pessoas na Igreja.

IV

Vejamos pois a resposta de Inácio à pergunta do frade de Salamanca. É através dela que as nossas perguntas poderão também encontrar uma resposta.

A resposta de Inácio ao frade se manifestou, já o vimos, como um silêncio em que transparecia o seu desconforto diante do dilema no qual a fonte do conhecimento de Deus e da autoridade para dele falar com outras pessoas, ficavam reduzidos à alternativa entre as "letras" e o Espírito Santo.

O desconforto de Inácio diante dessa lógica de exclusão provém do fato de que a sua experiência lhe diz que entre o estudo e o Espírito Santo, entre o esforço humano por conhecer a realidade e o Espírito de Deus, não há e nem pode haver contradição.

É, com efeito, toda a experiência espiritual que Inácio tinha realizado durante os cinco anos que se passaram entre o momento da sua conversão em Loyola e os processos de Alcalá e Salamanca, que entra em choque quando querem força-lo a optar pelas letras contra o Espírito Santo, ou pelo Espírito Santo contra as letras.

Na trajetória da movimentada experiência espiritual de Inácio, tal como ele mesmo a descreve na sua *Autobiografia*, há três momentos ou três etapas progressivas que o conduziram a uma tríplice e inavalável certeza.

Enunciarei resumidamente esses três momentos para em seguida explicitá-los.

1º O conhecimento ou a "Ciência de Deus", como Inácio fala, é possível, mesmo para quem não estudou teologia.

2º O conhecimento de Deus é difusivo. Inácio experimenta que conhecer Deus e ajudar o próximo são duas realidades indissolúveis.

3º O conhecimento de Deus e a ajuda do próximo suscitam e exigem o estudo, as "letras", como uma necessidade interna e essencial.

1 — Vejamos a primeira afirmação: *o conhecimento ou a ciência de Deus são possíveis mesmo para quem não estudou teologia.*

Esta afirmação é o fruto e o resultado do que poderíamos chamar a primeira etapa da experiência espiritual de Inácio, a partir do momento da sua conversão em Loyola e até a sua viagem a Jerusalém. Cronologicamente ela abrange do mês de julho de 1521 até o início de 1523, um ano e meio portanto.

O âmago desta experiência acontecerá entre agosto e setembro de 1522 na cidade de Manresa... à qual Inácio se referirá como a sua "Igreja primitiva".

O que caracteriza esta primeira etapa, do ponto de vista que aqui nos interessa, é a descoberta por parte de Inácio do discernimento de *espíritos* através da percepção e da análise da diversidade dos *pensamentos* e, mais profundamente ainda, da diversidade dos *sentimentos* que o moviam ou agitavam. A percepção da diferença entre a *consolação* e a *desolação* o levará a perceber a maneira de Deus agir em sua vida (cfr. 6-8). É o que ela denominará "*o primeiro discurso que teve nos assuntos de Deus*" (8) e também a primeira "*lição*" recebida de Deus (9; cfr. 25).

Esta descoberta da possibilidade de "*ler*" no "*discurso*" dos seus sentimentos uma "*lição*" de Deus, esta espécie de primeira "alfabetização" espiritual, inicialmente foi para Inácio um motivo de surpresa e deslumbramento entusiasmado. Em Manresa, porém, se transformará em fonte de inquietações, perturbações e tentações tão grandes que o levarão à beira do suicídio (cfr. 24) .

Inácio atravessou essas tempestades sozinho, sem nunca encontrar, como ele confessou, com singeleza e sem ressentimento, "pessoas que o ajudassem tanto quanto desejara" (37). Não porque ele não procurasse. Procurou muito e pediu muito a Deus, como mostra esta passagem da *Autobiografia* em que Inácio lembra:

Uma vez muito atribulado se pôs em oração e com fervor começou a dar gritos a Deus vocalmente: "Socorre-me Senhor, pois não acho nenhum remédio nos homens nem em criatura alguma! Se eu pensasse podê-lo encontrar, nenhum trabalho me seria grande! Mostra-me Tu, Senhor, onde posso achar! Se fôr preciso andar atrás de um cachorrinho para que me dê remédio, eu o farei". (23)

O cachorrinho não apareceu para orientar seu espírito...nem a mula que em outros tempos tomara a decisão que ele não sabia escolher (14-16).

Foi nessa solidão que Inácio irá fazer uma descoberta fundamental para aquilo que aqui nos interessa. Ele resume a descoberta que lhe faz compreender os caminhos de Deus em sua vida com estas palavras:

Neste tempo Deus o tratava como um mestre-escola trata a um menino que ensina. Isto sucedia por sua rudeza e dura inteligência ou porque não tinha quem o instruisse ou pela firme vontade que o mesmo Deus lhe dera de sempre servi-lo. Em todo o caso, julgava claramente e sempre continuou a julgar que Deus o tratava desta maneira. Antes, se duvidasse sobre isso pensaria ofender a sua divina Majestade. (27)

A continuação Inácio enumera cinco pontos em que Deus, diz ele próprio, *lhe imprimia* o seu conhecimento na alma. E ele, tão discreto e comedido, afirma que chegou a ter tanta segurança da fé "que muitas vezes pensou consigo: se não houvesse Escritura que nos ensinasse estas verdades da fé, ele se determinaria a morrer por elas, só pelo que vira" (29).

É por tudo isso que ele mesmo pôde dizer que "lhe parecia ser outro homem e ter outro entendimento, diferente do que fora antes" (30).

Por mais extraordinária que nós possamos julgar esta experiência, creio que seria um erro pensar que o próprio Inácio julgou que seu caso fosse algo de absolutamente extraordinário e de exclusivamente pessoal.

Penso que, ao contrário, foi a partir dessa experiência, tão pessoal e tão desamparada, que Inácio percebeu como Deus agia também nas outras pessoas. Não deixa de ser um fato bem significativo que seja neste momento que Inácio começou a anotar por escrito a sua experiência (18) e, a partir dela, começará a escrever os *Exercícios* (99).

2 — Passamos assim à segunda afirmação que antes formulei: *O conhecimento de Deus é difusivo. Conhecer Deus e ajudar o próximo são para Inácio duas realidades indissolúveis.*

A primeira vez que Inácio utiliza a expressão *ajudar às almas* é no relato da sua estadia em Jerusalém. Tratava-se, diz ele, de uma intenção secreta, isto é que ainda não manifestara a ninguém, mas da qual ele tinha absoluta certeza (45; cfr. 29).

O que aqui nos interessa é ver que esse desejo está profundamente ligado com a sua experiência de Deus como criador (29) e de Jesus Cristo como Salvador de todos os homens (ib.).

Ajudar às almas através dos *Exercícios* significava para Inácio algo muito concreto e muito específico; significava ajudar as outras pessoas, mulheres e homens, a descobrir pessoalmente e experiencialmente a *novidade* da vontade ou do desejo de Deus em relação a suas vidas.

É bem mais, entendam-me bem!, do que ensinar teologia ou moral ou teologia moral. É algo que supõe a certeza de que, como Inácio escreve nos *Exercícios*:

é mais conveniente e muito melhor que, procurando a vontade divina, o mesmo Criador e Senhor se comunique à alma devota, abrasando-a em seu amor e louvor e dispondo-a para o caminho em que melhor poderá servi-lo depois.

Trata-se de

deixar o Criador agir imediatamente com a criatura e a criatura com seu Criador e Senhor. (EE 15)

Mas, se Inácio pensava assim, se os *Exercícios* lhe forneciam o instrumento para realizar essa ajuda, para que estudar? Para que as "letras"?

3 — Passemos a terceira afirmação que corresponde à terceira etapa da conversão inaciana : *o conhecimento de Deus e a ajuda ao próximo suscitam e exigem o estudo como uma necessidade interna e essencial*

Como já indiquei no início desta palestra a primeira vez que Inácio declara a sua vontade de estudar foi em 1524, na cidade de Veneza, após o fracasso do seu projeto de viver na Terra Santa.

É importante notar isto para perceber a unidade espiritual dos três momentos ou etapas da trajetória de Inácio e das três afirmações com que venho tentando resumi-los. É nessa unidade que, ao que me parece, se manifestam as características do que nós chamamos espiritualidade inaciana.

O estudo das "letras" não é algo que Inácio resolva fazer como que forçado por uma necessidade que lhe é imposta de fora. Também não é (como as vezes se pensa) uma estratégia para se proteger, graças a um diploma ou a um título, de possíveis e, pelo visto, inevitáveis ataques. Muito menos ainda, no caso de Inácio, de uma curiosidade em que a erudição se transforma em fim de si mesma. Também não se trata de obter um *status* eclesial e social que lhe permita levar a frente um projeto que, mesmo sem estudo, ele já teria pronto.

A motivação mais profunda da necessidade espiritual do estudo das "letras" aparece já naquela experiência espiritual que o próprio Inácio ao longo da sua vida considerará incomparável, pois,

em todo o discurso de sua vida, coligindo todas as ajudas recebidas de Deus, e todas as coisas que tem sabido, mesmo ajuntando-as todas em uma unidade, não lhe parece ter alcançado tanto quanto daquela só vez (30).

Uma das características dessa experiência que aconteceu enquanto Inácio via, do alto de uma das margens, o fluir profundo do rio Cardoner, é a relação e a unidade que se produziu

quando começaram a abrir-se-lhe os olhos do *entendimento*; não porque visse visão alguma, mas *entendendo e conhecendo* muitas coisas, tanto de coisas

espirituais, como de coisas *da fé e de letras*; e isto com uma *ilustração* tão grande, que lhe pareciam todas as coisas novas (30).

As "letras", pois, o estudo e a vontade de entender e conhecer a realidade do mundo e a realidade dos homens *respeitando-as* em suas múltiplas linguagens e discursos, em suas "letras", provém para Inácio da sua experiência de Deus. Mais exatamente, e tentando resumir: o desejo do estudo provém da sua experiência de Deus como Espírito Santo.

É a experiência de que, como o próprio Inácio escreveu, o *Espírito divino está em tudo*, isto é, a experiência da universalidade unificante da presença de Deus na realidade que ele criou, a experiência de que quanto mais universal, mais divino, e quanto mais divino mais universal, é essa experiência que levou Inácio a procurar o universal na Universidade.

Só pelas "letras" ele poderá ajudar as almas, porque só o esforço do estudo é que poderá fornecer a maneira de apreender e compreender melhor a linguagem ou as linguagens do mundo e dos homens, aos quais ele quer transmitir a sua experiência de Deus. Para que essa universalidade unificante do Espírito divino não seja uma generalidade abstrata ou uma imposição jurídica, será necessário o estudo das particularidades de cada domínio da realidade, de cada situação humana, de cada pessoa singular. Pois em Jesus Cristo, Deus, nos lembra ainda Inácio nos EE, "*chama a todos e a cada um em particular*" (EE 95). Isto é, Deus faz um chamado universal, dirigido a todos os homens, mas que para ser realmente universal deve ser experimentado particularmente por cada pessoa.

Inácio era *católico*!...Inácio, ensinado por Deus, compreendia que o extraordinário não é o extravagante, que o maravilhoso está escondido no que é comum e ordinário...

Em seu estilo barroco e sedutor Antônio Vieira dizia que Santo Inácio era um *pentecostes discreto*, pois foi graças a ele que a Igreja finalmente falou as línguas da África, as línguas da Ásia e as inumeráveis línguas da América. Falou física com os físicos, matemática com os matemáticos, astronomia com os astrônomos...e onde não a deixaram falar deixou que o seu sangue corresse. Sangue do justo que, como diz a carta aos Hebreus, nunca deixa de falar e sempre fala mais alto às consciências daqueles que a oprimiam.

V

Voltemos ao nosso ponto de partida. Talvez o que até agora dissemos nos faça compreender melhor por que Inácio não respondeu ao Frade. Talvez compreendamos melhor por que não se pode opor o estudo das letras, que dizem a realidade que Deus criou, ao Espírito divino, que anima toda a criação.

Talvez compreendamos melhor por que a espiritualidade de Inácio olha para o mundo e para a humanidade com um otimismo e uma magnanimidade que nos surpreendem e que podem até nos parecer ingênuos ou impraticáveis numa sociedade que, como já foi dito neste Auditório, além de pluralista e individualista, é fragmentadora das pessoas. O olhar de Inácio está fundamentado na certeza de que o mundo pode ser contemplado com amor e cada pessoa concreta pode ser vista como imagem do Filho de Deus.

Talvez compreendamos, enfim, que ajudar as almas, ou ajudar o próximo, para Inácio era prestar esse serviço que revela a cada homem a sua verdadeira humanidade, a sua humanidade cristã.

Ulpiano Vázquez S.J. é doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia Comillas, Madrid (Espanha). É professor de Teologia (Antropologia teológica e tratado *de Deo Uno et Trino*) e de Filosofia (Hermenêutica filosófica) no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, e membro da equipe de reflexão da Conferência dos Religiosos do Brasil. Publicou sua tese de doutorado sob o título *El discurso sobre Dios en la obra de E. Lévinas* (Madrid: UPCM, 1982).

Endereço: Caixa Postal 5047 - 31611 Belo Horizonte-MG